

O CONCEITO DE SÍLABA NAS GRAMÁTICAS DE JOÃO DE BARROS (1540) E DE ANCHIETA (1595)

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)
leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

A palestra tem por objetivo debater o conceito gramatical de sílaba na perspectiva da gramática humanística do século XVI, pela fundamentação teórico-metodológica da disciplina de Historiografia da Linguística (HL) (KOERNER, 2014; SWIGGERS, 2019). Para atingir esse objetivo desenvolvemos uma leitura historiográfica no modelo da análise koerniana dos fatos linguísticos. Temos como *corpus* de análise duas gramáticas humanísticas representativas de seus contextos: a gramática de língua portuguesa, de 1540, do humanista João de Barros, e a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, de 1595, de Anchieta. O conceito gramatical de sílaba é oriundo do pensamento filosófico aristotélico e teve grande repercussão na gramatização das línguas ocidentais, tendo emprego até os dias atuais.

Palavras-chave:

Gramaticografia. Humanismo renascentista. Conceito de sílaba.

ABSTRACT

The lecture aims to discuss the grammatical concept of the syllable from the perspective of 16th-century humanistic grammar, grounded in the theoretical and methodological framework of the discipline of Historiography of Linguistics (HL) (KOERNER, 2014; SWIGGERS, 2019). To achieve this objective, we undertake a historiographical reading based on Koernian analysis of linguistic facts. Our analysis corpus includes two humanistic grammars representative of their contexts: the 1540 Portuguese grammar by the humanist João de Barros and the 1595 *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* by Anchieta. The grammatical concept of the syllable originates from Aristotelian philosophical thought and has had significant influence on the grammaticalization of Western languages, remaining relevant to this day.

Keywords:

Grammaticography. Renaissance humanism. Concept of syllable.

1. Introdução: o conceito de sílaba na gramática humanística

A presente palestra tem como objetivo central debater o conceito gramatical de sílaba, abordando-o sob a perspectiva da gramática humanística do século XVI, com base na fundamentação teórico-metodológica desenvolvida pela disciplina de Historiografia da Linguística (HL), conforme proposto por Aurox (1992), Koerner (2014) e Swiggers (2019). No

contexto renascentista, a gramática não era apenas um instrumento descritivo das línguas, mas antes era fruto de uma prática intelectual inspirada pela especulação filosófica, que buscava criar uma metalinguagem capaz de sistematizar e normatizar o uso linguístico, cujo principal técnica descritiva era a adaptação das partes da oração (*partes orationis*) da gramática greco-latina aos vernáculos modernos (AUROUX, 1992). Neste contexto, a atividade gramatical era essencialmente uma atividade de recriação da metalinguagem greco-latina para o emprego nas línguas vernaculares, ao passo que a produção poética, desenvolvida também pelos humanistas, buscava exercitar essa descrição gramatical, como se registra nas obras de Gil Vicente (1465–1536), Sá de Miranda (1481–1558) e de Camões (c. 1524–1579/1580), por exemplo, inspirados em humanistas itálicos, como Petrarca (1304–1374).

Nesse sentido, a poesia e a prosa dos humanistas do Renascimento, nas línguas vernaculares europeias, se configuravam como uma atividade epilinguística, na conceituação de Swiggers (2019), diretamente vinculadas à metalinguagem das gramáticas humanísticas, em uma prática letrada em que a linguagem era utilizada de maneira criativa e expressiva, para se repensar a própria língua, sempre em contraste com a gramática latina e com os autores da Antiguidade clássica, como cânone dos humanistas, com o objetivo de testar os limites da normatização gramatical dos vernáculos modernos. A poesia humanística dialogava diretamente com a gramática humanística e vice-versa, em um contexto em que as línguas europeias se desterritorializavam pelas navegações e os descobrimentos de rotas marítimas para o Oriente, junto à expansão das atividades mercantis comerciais dos reinos europeus na constituição de seus impérios ultramarinos (KALTNER, 2016; 2020a; 2020b; 2020c; 2020d).

A criação da gramática humanística alterou a ecologia do contato de línguas, de acordo com Sylvain Auroux (1992), ao introduzir a escrita vernácula como uma prática linguística hegemônica, no Renascimento, fato linguístico que teve continuidade até a época contemporânea, quando as línguas ágrafas passaram a ser tratadas de modo estigmatizado:

O Renascimento europeu é o ponto de inflexão de um processo que conduz a produzir dicionários e gramáticas de todas as línguas do mundo (e não somente vernáculos europeus) na base da tradição greco-latino. Esse processo de gramatização mudou profundamente a ecologia da comunicação humana e deu ao Ocidente um meio de conhecimento / dominação sobre as outras culturas do planeta. (AUROUX, 1992, p. 8-9)

Para se compreender essa dinâmica social e linguística, na formação do pensamento dos humanistas, é necessário contextualizar essa

discussão sobretudo nos séculos XV e XVI, em um contexto marcado pela redescoberta dos textos clássicos e pelo intenso interesse nos estudos filológicos e gramaticais da Antiguidade clássica (AUROUX, 1992). Nesse cenário, o conceito de sílaba, oriundo do pensamento filosófico aristotélico, assume um papel central na estruturação das línguas ocidentais, sobretudo na relação entre a fala e a escrita, pois a gramatização dependia do instrumental greco-latino para a sistematização da escrita vernacular, o que os missionários jesuítas estenderam ao Brasil do século XVI (KALTNER, 2024; KALTNER; SANTOS; 2024a; 2024b; 2024c). A sílaba, elemento fundamental da prosódia, era considerada uma das partes da gramática humanística, assim não só organizava o ritmo e a prosódia das palavras e orações, mas também desempenhava uma função central na poesia e na música, disciplinas profundamente interligadas no pensamento dos humanistas. A sílaba era, portanto, uma unidade de medida que ia além da simples divisão fonética, sendo crucial para o estudo sistemático da fala, e mesmo para a criação poética e musical humanística, no canto.

A importância da sílaba na criação poética é inegável, visto que a métrica poética da versificação humanística dependia diretamente da estrutura silábica das palavras. A contagem das sílabas em um verso define, portanto, seu ritmo e sua harmonia, elementos essenciais para a musicalidade do poema, processo que foi explorado pelos humanistas do Renascimento. Nesse sentido, a poesia do século XVI pode ser vista como uma prática epilinguística (SWIGGERS, 2019), e assim objeto de análises da Historiografia da Linguística, sendo o seu emprego poético uma situação de uso específica em que a linguagem é moldada e utilizada de maneira artística, explorando as potencialidades expressivas da língua, com uma funcionalidade estética. Já a música do Renascimento, sobretudo o canto, intimamente ligado à poesia, utilizava a sílaba como base para a construção melódica, onde cada nota correspondia ao menos a uma sílaba, criando uma relação intrínseca entre o som e sentido melódico, ou harmônico, a “*modulatio*” (modulação) da voz.

A atividade epilinguística não é restrita aos poetas, mas é uma atividade derivada da competência linguística de todos os falantes de modo geral, todavia os poetas humanistas buscam empiricamente uma reflexão em sua própria prática linguística. Auroux (1992) debate como a atividade epilinguística antecede a metalinguagem, o que podemos estender ao fato de a poesia anteceder a gramática, inclusive no contexto greco-latino:

O saber linguístico é múltiplo e principia naturalmente na consciência do homem falante. Ele é epilinguístico, não colocado por si na representação

antes de ser metalinguístico, isto é, representado, construído e manipulado enquanto tal com a ajuda de uma metalinguagem. (AUROUX, 1992, p. 16)

Para explorar esses aspectos, desenvolvemos uma leitura historiográfica inspirada no modelo de análise koerniana dos fatos linguísticos que nos permitirá compreender a evolução do conceito de sílaba e sua aplicação em duas gramáticas humanísticas do período (KOERNER, 2014). Nosso *corpus* de análise é composto por duas obras representativas da gramática humanística do século XVI: a *Gramática da língua portuguesa*, publicada em 1540 pelo humanista João de Barros (1496–1570), e a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, de 1595, elaborada pelo jesuíta José de Anchieta (1534–1597) (KALTNER; SANTOS, 2024a). Ambas as obras são exemplares da tentativa renascentista de sistematizar e normatizar as línguas vernáculas, aplicando os princípios da gramática latina às línguas emergentes.

A gramática de João de Barros, de 1540, é uma das primeiras tentativas de gramatização da língua portuguesa, e nela o conceito de sílaba é tratado de acordo com a descrição gramatical do Latim, em seu “horizonte de retrospecto” (AUROUX, 1992, p. 11). Barros, influenciado pela tradição latina e aristotélica, vê na sílaba não apenas uma unidade fonética, mas também um elemento estrutural crucial para a compreensão da língua, uma unidade ou elemento. Sua obra reflete a preocupação dos humanistas em dotar as línguas vernáculas de uma estrutura gramatical que lhes conferisse legitimidade e prestígio, equiparando-as às línguas clássicas, o que estava em seu “clima de opinião” (KOERNER, 2014).

Por sua vez, a gramática de Anchieta, de 1595, voltada para a língua tupinambá, representa um esforço de gramatização de uma língua indígena, utilizando os mesmos princípios da gramática latina (KALTNER, 2020a; KALTNER, 2024b), sitaundo-se como uma “gramática latina estendida” no sentido de Auroux (1992). Anchieta adapta o conceito de sílaba para uma língua que possui características fonéticas e prosódicas distintas das línguas românicas, e mesmo indoeuropeias, mostrando a flexibilidade e a universalidade do conceito. Sua obra é tida como um exemplo de como a atividade gramatical renascentista não se limitava às línguas europeias, mas buscava abarcar e sistematizar todas as línguas com as quais os europeus entravam em contato, isto é, buscava a universalidade.

O impacto do conceito de sílaba, portanto, transcende o período renascentista, influenciando a gramatização das línguas ocidentais e permanecendo relevante até os dias atuais, sendo um tema da ciência básica linguística. A sílaba continua a ser uma unidade fundamental nos estudos

linguísticos, especialmente na fonologia e na prosódia, e seu papel na poesia e na música mantém-se relevante para a compreensão dessas artes. Além disso, o estudo da sílaba é essencial para os estudos da fala, pois ela constitui a base rítmica da linguagem falada, influenciando diretamente a fluência e a inteligibilidade do discurso, isto é, a sua prosódia.

Dessa forma, ao revisitar o conceito gramatical de sílaba através da ótica da gramática humanística do século XVI e da análise historiográfica, buscamos não apenas compreender a evolução desse conceito, mas também destacar sua importância duradoura para a linguística, a poesia, a música e os estudos da fala. Através da análise das obras de João de Barros e de José de Anchieta, evidenciamos como o pensamento dos humanistas moldou a compreensão da linguagem e contribuiu para a consolidação das línguas vernáculas no cenário ocidental.

2. Aristóteles e o conceito de sílaba: um horizonte de retrospectão

A sílaba era originalmente um termo vinculado à língua grega *συλλαβή* (syllabé). Seu sentido se resguarda, mesmo adaptado à língua portuguesa no século XVI, como uma unidade fundamental da linguagem, em que os vocábulos podem ser segmentados, uma unidade que desempenha um relevante papel na estruturação do discurso, tanto na fala quanto na escrita. Essa concepção foi desenvolvida a partir da concepção cultural do mundo da antiga Hélade, de língua grega, quando a escrita passou a registrar os sons vocálicos em um sistema que adotava também o silabário, afastando-se da escrita ideogramática, por exemplo. Temos a impressão de que os gramáticos gregos foram pioneiros em normatizar o emprego de sons vocálicos na língua grega antiga, e em suas variantes. Na língua grega antiga as sílabas eram categorizadas gramaticalmente por sua quantidade, ou ritmo, em breves e longas (*μακρά, βραχεία συλλαβή*), e em português, são qualificadas em tônicas e átonas.

A sílaba é um conceito central não apenas para a gramática, mas também para a prosódia e métrica poética, sendo um ponto de interseção entre as tradições filosóficas e gramaticais do Ocidente. Vejamos a concepção de sílaba de Aristóteles (384–322 AEC), que influiu nos gramáticos gregos. Essa conceituação está na obra *Categorias*, o primeiro texto do filósofo, do conjunto de obras do *Órganon*, o seu tratado de lógica:

Por este motivo, o número é quantidade discreta, e não contínua, e o mesmo é predicável da oração, que também é uma quantidade discreta. Medida em sílabas longas e breves, a oração é uma quantidade, cujas partes não têm um comum limite. Não há um limite comum para união das sílabas e cada

uma é, com efeito, uma quantidade discreta. (ARISTÓTELES, *Cat.* 4b, trad. de PINHARANDA GOMES, 1985, p. 61)

O conceito de sílaba de Aristóteles influenciou nas gramáticas de Dionísio, o Trácio (170–90 AEC), a *Tékhne Grammatiké*, e a *Ars grammatica*, do ano 350, de Donato, gramático latino (AUROUX, 1992).

Aristóteles aborda a sílaba a partir de uma perspectiva teórica filológica empiricista, tratando-a como uma “quantidade discreta”, ou seja, numérica, em oposição às quantidades contínuas, ou geométricas, como as linhas e circunferências. Para o filósofo, o número, assim como a sílaba, é uma entidade discreta, por analogia, o que implica que cada sílaba possui uma identidade única, sem limites comuns com outras, isto é, ela pode ser numerada, ou contada. Para se compreender essa oposição, elementos geométricos, por exemplo, não podem ser numerados, ou contados, pois o ponto geométrico não é um número, por exemplo. Não há como se contar a quantidade de pontos em uma linha, ou circunferência, mas há como se contabilizar o número de sílabas de qualquer oração, ou verso.

Em termos linguísticos, Aristóteles sugere que a sílaba é medida em termos de duração, distinguindo-se entre longas e breves, em sua categorização gramatical na língua grega. Essa distinção não apenas é fundamental para a métrica poética, mas também para a compreensão do ritmo na fala na Hélade clássica. A ideia de que a sílaba é uma unidade distinta com função métrica e rítmica continua a ser um aspecto central na análise poética e gramatical até os dias atuais, ainda que as quantidades de tempo da sílaba só estejam presentes no canto em língua portuguesa, parte da teoria musical do ritmo, e não em uso na língua de modo natural.

3. O conceito de sílaba na obra de João de Barros

João de Barros, o mais renomado e prestigiado gramático e humanista no contexto do reino de Portugal no século XVI, em sua obra *Gramática da Língua Portuguesa* (1540), dedica-se a uma análise e descrição linguística detalhada da sílaba, abordando-a como uma das quatro partes fundamentais da gramática, que corresponde à prosódia, de acordo com a recepção da tradição gramatical greco-latina. Note-se que a gramática do humanista é um produto do reinado de D. João III (1502–1557), que reinou entre 1521 e 1557, e foi o responsável pela renovação cultural humanística em Portugal, com a transferência da universidade para Coimbra e com a fundação do Colégio das Artes, em 1548, em que a sua obra gramatical é contextualizada. Para Barros, a prosódia envolve tanto o acento, a língua

em uso, quanto o canto, enfatizando a natureza fonética e musical da sílaba. Ele define a sílaba como a junção de uma vogal com uma ou mais consoantes, criando uma unidade sonora indivisível, correspondente à prosódia, ou à fala. Essa definição reflete uma preocupação não apenas com a estrutura fonológica, mas também com a estética sonora da língua, que o humanista relaciona diretamente à musicalidade inerente à prosódia.

Sua definição da sílaba a apresenta com a aderência de uma letra vogal com no mínimo uma consoante, formando uma unidade, um “aiütamêto de hũa uogal, cõ hũa e duas e as uezes tres cõsoantes”:

Da syllaba e seus açidentens.

Syllaba, é hũa das quátro pártes da nõssa Grammática que corresponde á Prosodia, que quer dizer açento e canto: aqual Syllaba é aiütamêto de hũa uogal, cõ hũa e duas e as uezes tres cõsoantes, que iütamente fazê hũa só uóz. Digo hũa cõsoante, quãdo se aiütã desta maneira, li, & cõ duas, uro, & com tres, uros, que iütamête fazê este nome liuros. (BARROS, 1540, fol. 3v-4r)

Barros exemplifica a constituição da sílaba através de combinações diversas de letras vogais e consoantes, destacando uma incerteza teórica sobre a possibilidade de uma sílaba ser formada por uma vogal isolada, e afirmando serem sílabas as combinações mais complexas de consoantes e vogais. Ele utiliza dois exemplos, na segmentação de “dições” (palavras): “li” (vogal + consoante), “uro” (consoante + vogal + consoante), e “uros” (consoante + vogal + duas consoantes), culminando na formação do termo “liuros”, para ilustrar como essas combinações produzem unidades sonoras distintas, na decomposição de uma “dição” com um significado único, a palavra “livros”. Sua análise vai além da simples descrição das combinações possíveis, sugerindo que a sílaba, enquanto unidade básica da prosódia, possui uma função tanto estrutural quanto estética na língua, o que permite seu emprego na arte poética para a métrica dos versos. Note-se que o humanista não cita nenhum poeta português em sua descrição linguística, apenas o uso.

Vejamos a segunda parte dessa descrição quinhentista:

E por que ás uezes hũa só letera uogál sérue de syllaba, própriamête a esta tál nã chamaremos syllaba: mas àquella que for compõsta de uogal e cõsoãte. Os latinos fazê ás uezes hũa só syllaba com çinquo consoantes: como nestas dições, scrobs, stirps. A nõssa syllaba nam pássa de tres, como uimos nesta diçã atras, liuros, as quães ou séruem no prĩcipio, como. Prĩcipe, ou no fim, como, Raínhas. (BARROS, 1540, fol. 4r)

Ao discutir a formação das sílabas, Barros também introduz a ideia de que, embora uma vogal isolada possa funcionar como uma sílaba, ele

reserva o termo sílaba para aquelas unidades que combinam uma vogal com uma ou mais consoantes. Essa distinção entre sílabas compostas e sílabas simples reflete uma concepção mais sofisticada da fonologia, em que a combinação de sons é evidenciada como fundamental para a estrutura e o ritmo da fala, isto é, a sílaba é considerada um som em cadeia, ou sequencial, diferentemente da unidade diretamente anterior, a letra, que não é pronunciada na cadeia da fala, assim, podemos inferir que a vogal isolada era considerada pelos humanistas uma letra, e não uma sílaba. Barros reconhece, ainda, que, enquanto o latim pode formar sílabas com até cinco consoantes, o português geralmente não ultrapassa três, exemplificando isso com termos como “*scrobs*” e “*stirps*” em latim, contrastando com *li-vros* e *prín-ci-pe* em português.

Ao analisar o que é a sílaba, o humanista resgata o conceito de acidentados da gramática latina, que são consideradas as variações possíveis da sílaba, e as suas qualidades, ou propriedades como entes individuais:

Toda syllaba tem tres açidentes, Numero de leteras, Espaço de tempo, Açêto álto ou báixo. O numero de leteras, ia ô uimos pelos exemplos atras. Espaço de tẽpo, por que hũas sam curtas e outras lôgas, como nesta diçã. Bárborã, que a primeira é lôga. & as duas sã breues. Por que tâto tẽpo se gâsta na primeira, como nas duas seguintes, à semelhança dos musicos, os quaes tanto se detẽ no ponto desta primeira figura bár, como nas duas derradeiras, bo, ra. E os Latinos e Grégos, sentẽ melhor o tẽpo das syllabas, por causa do uérso, do que ô nós sintimos nas trouas: por que casi mais espéra a nóssa orelha o consoãte, que a câtidade, dado que a tẽ. O terçẽiro açidente da Syllaba, é canto álto ou baixo: por que como os musicos aleuantam & abaixã [7] a uoz cantando, assy nos temos a mesma órdem, como nesta diçã, le,mos, que na primeira Syllaba aleuãtamos, e na segunda abai-xamos. (BARROS, 1540, fol. 4r-5f)

Barros introduz os três “acidentados” da sílaba em sua descrição linguística: o número de letras, a duração do tempo e o acento. O número de letras em uma sílaba, como exemplificado anteriormente, é um fator importante na classificação e descrição das sílabas, mas é na discussão sobre a duração do tempo e o acento que Barros realmente explora a conexão entre a fonologia e a musicalidade da língua. Ele diferencia sílabas curtas e longas, utilizando o exemplo da palavra “Bár-bo-ra”, onde a primeira sílaba é considerada longa, enquanto as duas subsequentes são breves. Essa distinção, baseada no tempo de pronúncia, é comparada à maneira como os músicos tratam as notas na composição musical, gastando o mesmo tempo em uma nota longa quanto em duas notas curtas. A comparação entre a prosódia da língua e a música é central para Barros, que sugere que os latinos e gregos eram mais sensíveis à duração das sílabas devido à sua prática na poesia métrica, em contraste com a métrica das

“trovas” em português, onde a “orelha” tende a perceber mais a consoante do que a quantidade de tempo das vogais.

Na sequência, Barros aborda o terceiro “acidente” da sílaba, que é o acento, ou canto, alto ou baixo. Ele compara o movimento ascendente e descendente da voz na música com o padrão de acentuação na fala, dando como exemplo a segmentação da palavra “le-mos” em duas sílabas, onde a primeira sílaba é acentuada (alta) e a segunda é não acentuada (baixa), o que por adequação teórica (KOERNER, 2014), consideramos como tônica e átona, respectivamente. Essa abordagem, que associa diretamente a prosódia da língua ao canto, reforça a visão de Barros de que a linguagem é intrinsecamente musical, e que o estudo da sílaba é tanto uma questão de fonologia quanto de estética sonora, o que atualmente é estudado no campo da fonologia métrica.

Por fim, a análise de João de Barros sobre o conceito de sílaba revela uma visão profundamente integrada da gramática, onde a fonologia, a prosódia e a musicalidade da língua estão interconectadas. Ele trata a sílaba não apenas como uma unidade básica de som, mas como uma entidade complexa que envolve a combinação de letras, a duração do tempo e o acento, que qualifica cada sílaba individualmente. A obra de Barros reflete uma concepção renascentista da linguagem, em que a gramática é vista como uma disciplina que não apenas descreve a estrutura da língua, mas também explora sua dimensão estética e musical. Ao associar a sílaba à prosódia, ao canto e à música, Barros contribui para uma compreensão mais rica e multifacetada da fonologia da língua portuguesa, e sua análise continua a ser relevante para estudiosos da linguística e da história da língua, pois a diferença entre a fala e o canto é um tema ainda de interesse dos Estudos de Linguagem.

4. O conceito de sílaba na obra de Anchieta

O conceito de sílaba, embora não explicitamente teorizado por José de Anchieta em sua *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595), desempenha um papel crucial na estruturação e descrição da língua tupinambá, pela adaptação do modelo gramatical latino para descrever a língua indígena predominante na ecologia do contato de línguas da colonização do Brasil do século XVI. Anchieta, um jesuíta europeu e importante figura na história linguística do Brasil, foi pioneiro na sistematização da língua tupinambá através de uma “gramática missonária” (*missionary grammar*) (ZWARTJES, 2002) que buscava adaptar conceitos e

metodologias da gramática humanística latina para a língua falada pelos povos indígenas (KALTNER; SANTOS, 2023a; 2023b).

O estudo sistemático das gramáticas missionárias foi iniciado pelo naturalista e filólogo alemão Julius Platzmann (1832–1902), que reeditou contemporaneamente no século XIX diversas obras gramaticais sobre línguas indígenas da América latina, e foi o autor da obra *Verzeichniss einer Auswahl Amerikanischer Grammatiken, Wörterbücher, Katechismen, u. s. w.* (Lista de uma seleção de gramáticas, dicionários, catecismos americanos etc.), publicada em 1876, que formou o cânone das gramáticas, léxicos e catecismos missionários para o estudo das línguas indígenas no período da colonização. Julius Platzmann enquadra-se no papel do historiógrafo da linguística pioneiro, que desenvolve o cânone, ou o *corpus* de trabalho para o estudo da história do pensamento linguístico no âmbito da Linguística Missionária. A obra gramatical de Anchieta foi tema de suas pesquisas.

Em sua obra, Anchieta adota o termo “síllaba” de acordo com a tradição gramatical latina, utilizando-o para descrever as unidades básicas de som na língua tupi, tanto para segmentar a fala quanto o canto na língua indígena. Embora ele não teorize ou ofereça uma definição explícita do termo, seu emprego do conceito de síllaba está em consonância com as práticas gramaticais latinas, evidenciando a influência da gramática humanística. A grafia “syllaba”, por exemplo, segue o padrão estabelecido por gramáticos como João de Barros, o que demonstra a continuidade e adaptação de tradições europeias no estudo das línguas indígenas americanas:

¶ B. P. in medio, vel fine dictionis, quasi semper se muda em, m. ou, mb. quando precede na vltima fyllyaba, til, ou, m ou, n. ainda que este o n. no fim da penultima, vt Anga. [...]

¶ R. mudafe em, n. onde præceder til. m. ou, n. in vltima fyllyaba, vt in futuro conjunctiui, nupa, nupâneme, pro nupâreme, irumô, irumôneme, & fic de cæteris vt suprà. [...]

¶ Oa. Oe, sempre são monofyllabos, ou contractos se são simples precedente confoante, vt coára, poéra difyllabos. Nos præteritos tambem se efcreue, ve, como oe, composto, vt ocuéra timbuéra, &c. [...]

Excipe, coema, moéma, que são trifyllabos, & fi quæ sunt alia. [...] (Anchieta, 1595, Cap. 2, fol. 3f)

Anchieta descreve as palavras em tupinambá como sendo compostas por monossílabos, dissílabos, trissílabos e quadrissílabos, categorizando-as de acordo com o número de síllabas que as compõem, um dos acidentes das palavras, ou “dições” (*dictiones*). Essa classificação é

semelhante àquela encontrada em gramáticas latinas e reflete uma tentativa de mapear a estrutura da língua tupinambá utilizando as ferramentas conceituais disponíveis em sua época, em seu “clima de opinião” (KOERNER, 2014), a tecnologia gramatical greco-latina, conforme Auroux (1992). A divisão de sílabas, como realizada por Anchieta, segue as regras da prosódia latina, que era uma parte fundamental do ensino gramatical renascentista, focando na prescrição linguística, na correta acentuação e ritmo das palavras, e na divisão dos sons da fala articulada (*vox articulata*), isto é, aquela que transmite o significado.

No entanto, a aplicação desses conceitos latinos à língua tupinambá envolveu desafios únicos, sobretudo em relação ao vocalismo da língua em contraste com o latim, e o português. O tupinambá, uma língua aglutinante da família tupi-guarani, possui características fonológicas e morfológicas distintas das línguas indo-europeias, como o latim, e mesmo das línguas românicas que derivaram do latim. As palavras no tupinambá são frequentemente compostas por raízes e sufixos que, juntos, formam unidades de significado, o que pode resultar em palavras longas e complexas, muitas vezes contendo várias sílabas, o que dificulta a segmentação silábica. Nesse contexto, a divisão silábica realizada por Anchieta segue não apenas as convenções da prosódia latina, mas também busca capturar a estrutura fonológica própria do tupi.

Anchieta também lidou com a transformação de sons dentro das palavras, as mudanças de fones, ou metaplasmos (*metaplasmis*) na teoria gramatical humanística greco-latina, descrevendo, por exemplo, como certas consoantes mudam dependendo do contexto silábico em que se encontram. Em sua gramática, ele observa que a consoante “b”, o fonema /b/, quando aparece no meio ou no final de uma palavra, frequentemente se transforma no fone [m] ou [mb], quando precedida por uma sílaba terminada em /n/ ou /m/, como em “Anga” (An-gá, alma). Essas observações mostram um esforço de Anchieta em adaptar as regras fonológicas europeias para descrever fenômenos específicos do tupinambá, compreendendo a dinâmica da língua indígena.

A influência do conceito de sílaba na poesia tupinambá, como exemplificado nos poemas escritos em redondilha por Anchieta, também é notável. O missionário, ao compor versos em tupi, uma variação do tupinambá, para serem recitados ou cantados, como na fala de Guaixará no auto *Na Festa de S. Lourenço*, emprega a métrica e a rima de maneira que reflete tanto a musicalidade da língua indígena quanto os padrões poéticos europeus. O uso das sílabas no poema para estabelecer uma métrica

versificada revela uma atenção cuidadosa à prosódia e ao ritmo, com as sílabas sendo distribuídas de forma a criar uma cadência natural na fala dos personagens, enquanto preserva a métrica necessária para a recitação poética no modelo da redondilha menor de Gil Vicente.

Vejam a primeira estrofe do segundo ato do texto teatral, segmentados quanto à divisão silábica:

Xe moa-jú ma-ran-ga-tú, (Me deixa zangado a “bondade”)
Xe moy-rõe-te-ka-tu-á-bo (Me irritam demais)
Ai-pó te-kó py-as-sú (Essas vidas novas)
A-bá se-rã o-gue-rú (Que homens, talvez, a trouxeram)
Xe re-tá-ma mo-mo-xyá-bo? (Para arruinar a minha terra) (ANCHIETA, 1989 [1954], p. 689 *apud* Kaltner; Santos 2024b)

Os versos “*Xe moa-jú ma-ran-ga-tú*” e “*Xe moy-rõe-te-ka-tu-á-bo*” mostram a utilização do conceito de sílaba para recriar uma estrutura métrica regular, facilitando a memorização e a recitação oral, que eram essenciais na transmissão cultural e religiosa no contexto colonial. Além disso, o emprego das sílabas na poesia de Anchieta reflete uma tentativa de integrar a estética poética europeia com as tradições orais indígenas, criando um hibridismo cultural que foi uma característica marcante do período missionário no Brasil.

Dessa forma, o conceito de sílaba em Anchieta, embora não explicitamente teorizado, desempenha um papel fundamental em sua abordagem gramatical e poética. Ele utiliza as sílabas como unidades básicas tanto para a análise linguística do tupi quanto para a composição de versos poéticos, adaptando métodos gramaticais europeus para descrever e sistematizar uma língua indígena. Anchieta demonstra uma habilidade notável em conciliar diferentes tradições culturais e linguísticas, utilizando a gramática como um meio de conectar a prosódia latina com a estrutura fonológica do tupinambá, ao mesmo tempo em que cria uma forma de expressão poética que reflete a complexidade cultural do Brasil colonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz, 1595.

_____. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Apresentação Dr. Carlos Drummond e aditamentos de Pe. Armando Cardoso, S.J. São Paulo: Loyola, 1990 [1595].

ARISTÓTELES. *Categorias; Periérmeneias*. Trad., pref. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães, 1985.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. de Eni Puccinelli. Campinas: Orlandi. Campinas-SP: Unicamp. 1992.

BARROS, João de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigi[u]m, Typographum, 1540.

KALTNER, Leonardo Ferreira. Latin in colonization of sixteenth century Brazil. *Cadernos de Letras da Uff*, n. 26 (53), p. 39-60, 2016.

_____. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso-SJ (1906–2002). *Cadernos de Linguística da Abralin*, ano 1, n. 1, p. 01-15, 2020a.

_____. *O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl von Martius: estudos historiográficos*. Ponta Grossa: Atena, 2020b.

_____. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *Revista Philologus*, ano 26, n. 76, v. 2, p. 717-31, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2020c.

_____. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *Revista da Abralin*, n. 19, p. 1-25, 2020d.

_____. A obra de Julius Platzmann (1832–1902) e a Linguística Missionária no Brasil: leitura crítica da descrição da mudança do fonema [r] a [n] na gramática de Anchieta. *Revista de Letras (UFPR)* v. 107, p. 66-84, Curitiba, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v108i0.89696>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/89696>. Acesso em: 08 agosto 2024.

_____; SANTOS, M. C. S. Anchieta gramático: a ecologia do contato de línguas na América portuguesa e os fonemas [b] e [p] mediais e finais na língua tupinambá. *Confluência*, v. 66, p. 71-89, Rio de Janeiro, 2024a. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2024n66.1343>. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/1343>. Acesso em: 08 agosto 2024.

_____; _____. & o uso de diversas partes do Brasil será o melhor mestre: o conceito de uso no pensamento linguístico de Anchieta. *Revista da Abralin*, Campinas, v. 23, p. 1-13, 2024b. DOI: <https://doi.org/0.25189/abralin.v23i1.2254>. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2254>. Acesso em: 08 agosto 2024.

_____; _____. Folclore brasílico no segundo ato de Na festa de São Lourenço, de Anchieta (1587). *Revista Gragoatá (UFF)*, v. 29, p. e58856, Niterói, 2024c. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v29i63.58856.pt>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/58856>. Acesso em: 08 agosto 2024.

_____; _____. History of Linguistic Thought and Grammar Praxis in Brazil: It Possible to Periodize? *Cadernos de Linguística*, v. 4, p. e679, Campinas, 2023a. DOI: <https://10.25189/2675-4916.2023.v4.n1.id679>. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/679>. Acesso em 08 agosto 2024.

_____; _____. O conceito de letra nas gramáticas de Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540) e Anchieta (1595): Uma leitura historiográfica. *Fortunatae. Revista Canaria de Filología, Cultura y Humanidades Clásicas*, v. 37, p. 29-48, Tenerife, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.25145/j.fortunat.2023.37.02>. Disponível em: <https://www.ull.es/revistas/index.php/fortunatae/article/view/4741>. Acesso em: 08 agosto 2024.

KOERNER, Konrad. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: BATISTA, R. *et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80

ZWARTJES, Otto. The description of the indigenous languages of portuguese america by the jesuits during the colonial period. The impact of the Latin Grammar of Manuel Álvares. *Historiographia Linguistica*, n. XXIX:1/2, p. 19-70. Amsterdam: John Benjamins, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/7972042/The_description_of_the_indigenous_languages_of_Portuguese_America_by_the_jesuits_during_the_colonial_period_The_impact_of_the_latin_grammar_of_Manuel_%C3%81lvares.